

**18º Congresso Brasileiro de Sociologia  
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)**

Grupo de trabalho 38: Sociologia do Esporte

**Chegadas e partidas: o estádio como elemento memorial  
para os torcedores de San Lorenzo e West Ham**

*On returning and parting: the stadium as a memorial element  
among supporters of San Lorenzo and West Ham*

Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos\*

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS/UNIRIO).

## Resumo

O presente trabalho se propõe a compreender dois recentes acontecimentos envolvendo os clubes San Lorenzo, de Buenos Aires, e o West Ham, de Londres, localizados em cidades cujos perfis de construções de rivalidades e identidades encontram características similares, pela ênfase no território – o bairro – como promotor de sentimento de pertencimento. Nesse cenário, os estádios aparecem como equipamentos materiais e simbólicos de articulação com seu entorno onde gerações vivenciaram experiências e estabeleceram redes de sociabilidade intra e extramuros. No entanto, atualmente seus caminhos percorrem trajetórias opostas. De um lado, o retorno do San Lorenzo ao *Viejo Gasómetro*, no bairro Boedo, encontra-se no bojo das reivindicações contra a violência de estado que assombrou a Argentina entre 1976-1983, período em que o clube sentiu-se forçado a se desfazer do seu antigo estádio; por outro, a partida do West Ham para o Estádio Olímpico, após mais de 100 anos no estádio *Upton Park*, é o produto de uma mentalidade neoliberal que, a partir dos anos 1980, se espalhou pela sociedade inglesa, atingindo o futebol. Desse modo, procura-se evidenciar a maneira pela qual os agentes acionam o elemento memorial para referir-se aos estádios como monumentos afetivos e marcas territoriais.

**Palavras-chave:** Estádio. Bairro. Memória. San Lorenzo. West Ham.

## Abstract

The present work proposes to comprehend two recent developments involving the football clubs of San Lorenzo, in Buenos Aires, and West Ham, in London, both located in cities whose profile of the weaving of rivalries and identities bear similar characteristics, for their emphasis on territory — the neighbourhood — as fostering sentiments of belonging. In this context, stadiums appear as material and symbolic equipment for the articulation with their vicinities, where generations have lived through a number of experiences and established solidarity networks both within and without the premises of the stadiums. At present, however, both clubs engage in opposite trajectories. On the one hand, the return of San Lorenzo to the *Viejo Gasómetro*, in the district of Boedo, is at the very centre of its vindication against the state violence that haunted Argentina from 1976 through 1983, when the club was compelled to part with its old stadium. On the other hand, the parting of West Ham to the Olympic Stadium after more than a hundred years of hosting its matches at *Upton Park* is an offshoot of a neoliberal mentality which has, since the 1980s, swept through the English society, thus affecting football. Thus, this work seeks to evince the manner whereby social agents work the memorial element to refer to their stadiums as monuments of affection and territorial landmarks.

**Keywords:** Stadiums. Neighbourhoods. Memory. San Lorenzo. West Ham.

## 1. INTRODUÇÃO

Após longo período de desdém dos meios acadêmicos, o futebol consolida-se no tempo presente como um fenômeno que reflete e, simultaneamente, atualiza as idiosincrasias das sociedades em que se encontra inserido. Por meio desta manifestação que atinge multidões por todo o globo, é possível realizar investigações férteis em vários campos do saber, abordando múltiplos ângulos de análise da realidade social. Por essa razão, o objetivo deste artigo é o de apresentar recentes eventos envolvendo dois clubes de futebol e suas migrações antagônicas motivadas por interesses diversos em relação aos seus estádios, espaços que desempenham papel articulador de narrativas e memórias ancoradas na identidade local.

Em Buenos Aires e Londres, clubes e estádios estão espalhados por todos os quadrantes geográficos, estruturando por longo tempo configurações socioculturais que dão relevo aos espaços sociais (os bairros e zonas) circunscritos ao perímetro de influência dos clubes e seus pontos de referência, os estádios. Dada esta cartografia, formou-se historicamente uma relação de rivalidades cuja dinâmica dos embates entre mandantes e visitantes possui fortes significados numa cidade fraturada em laços territoriais estabelecidos. Nesse cenário, os estádios se apresentam como equipamentos cuja centralidade material e simbólica desempenham papéis antinômicos: espaço de segurança e acolhimento – topofílicos<sup>1</sup> – para aqueles que compartilham a paixão pelo clube mandante, o dono do pedaço<sup>2</sup>; ao mesmo tempo que, por outro lado, desperta a desconfiança e o estranhamento – espaços topofóbicos – para aqueles que surgem nesse cenário de rivalidade como a figura do visitante, por mais próximo que esteja geograficamente. As duas cidades,

1 Este termo, em um sentido amplo, foi aplicado pelo geógrafo Yi FuTuan (2012), para tratar dos laços afetivos dos seres humanos com os ambientes que moldam suas vidas, conferindo significados e estabelecendo relações que ocupam o imaginário social. No caso específico dos estádios, os termos topofílico e topofóbico foram abordados por John Bale (2003).

2 A categoria analítica “pedaço” proposta por Magnani (2002) nos possibilita melhor compreensão dos estádios como elementos referenciais de uma área geográfica que, pela sua potência física (configurando um território demarcado por equipamentos, como os estádios) e simbólica (ou social, formando uma rede de relações que se estende por esse território), constroem formas de vivenciar o futebol não apenas em seu aspecto esportivo no desenrolar das partidas intramuros, mas pela formação de uma cultura que consiste no sentimento de pertencimento em relação ao espaço social e seu entorno. Os estádios, assim, tornam-se pontos de referência onde investimentos afetivos são produzidos e depositados pelas coletividades a partir de algumas práticas, demarcando assim suas formas de comunicação e sociabilidades mais amplas do que os laços familiares (localizados no espaço privado).

desse modo, delineiam-se como mosaicos de fidelidades, onde os estádios aparecem como epicentros simbólicos, dado que são portadores de eventos emocionalmente carregados e, a partir deles, são constituídas outras territorialidades.

Dentre tantos casos envolvendo laços de sociabilidade e construção de identidades locais intermediadas pelas experiências nos estádios e ao seu redor, dois casos tornaram-se muito marcantes nos últimos anos: San Lorenzo, em Buenos Aires, e West Ham, em Londres. Estes dois clubes atravessam, contemporaneamente, trajetórias diametralmente opostas: enquanto o primeiro, após anos de luta, pensa no retorno para o terreno onde localizava-se seu antigo estádio, o segundo, inserido num mercado multimilionário do futebol inglês, despede-se de seu tradicional estádio sob o signo das vantagens econômicas que a mudança promete trazer num cenário de intensa competição. Nesse sentido, a atuação da memória será um guia em nosso trabalho.

Michael Pollak (1992) assinala que os elementos constituintes da memória e da identidade social seriam três: os *personagens*, aqueles que, de modo direto ou por tabela, inspiram o imaginário das pessoas e dos grupos, criando uma espécie de reverência afetiva; os *acontecimentos*, vividos pessoal e coletivamente ou por meio de narrativas fora do espaço-tempo dos indivíduos e grupos, que possuem uma potência aglutinadora no imaginário coletivo, fazendo com que as pessoas sintam-se parte integrante da coletividade; por fim, o autor aborda a questão dos *lugares*, aqueles pontos de referência, próximos ou distantes, que se consagram como suporte material e simbólico para a memória e o sentimento de pertencimento do grupo.

Para o autor, esses elementos formam uma teia de significações e dão sentido, no plano particular e coletivo, a “determinada imagem de si próprias”, constituindo-se uma identidade coletiva em que os grupos sociais procuram arquitetar, num momento específico, o esforço para a formação de um “sentimento de unidade, continuidade e de coerência”, num constante processo de reconstrução de si, que, como apontou, não está “isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros” (1992: 204-07). Estes três atributos, portanto, ativam os trabalhos da memória e, por conseguinte, modelam do sentimento de identidade local (e alteridade) que são

presenciados nos estádios de futebol. Esse movimento ganha colorações mais efervescentes nos momentos de transformações, em que o uso da memória entra em cena não como culto de sacralização limitado a reproduzir um passado tal qual fora uma época, mas para ativar princípios de ação política e constituição de identidade, sem no entanto cair nas armadilhas de sua imposição e banalização.

## 2. O RETORNO DOS CUERVOS À “TERRA SANTA”

Querido Eduardo:

Te cuento que el otro día estuve en el supermercado “Carrefour”, donde antes estaba la cancha de San Lorenzo. Fui con José Sanfilippo, el héroe de mi infancia, que fue goleador de San Lorenzo cuatro temporadas seguidas. Caminamos entre las góndolas, rodeados de cacerolas, quesos y ristras de chorizos. De pronto, mientras nos acercamos a las cajas, Sanfilippo abre los brazos y me dice: “Pensar que acá se la clavé de sobrepique a Roma, en aquel partido contra Boca”. Se cruza delante de una gorda que arrastra un carrito lleno de latas, bifés y verduras y dice: “Fue el gol más rápido de la historia”.

Concentrado, como esperando un córner, me cuenta: “Le dije al cinco, que debutaba: no bien empiece el partido, me mandás un pelotazo al área. No te calentés que no te voy a hacer quedar mal. Yo era mayor y el chico, Capdevila se llamaba, se asustó, pensó: a ver si no cumplo”. Y ahí nomás Sanfilippo me señala la fila de frascos de mayonesa y grita: “¡Acá la puso!”. La gente nos mira, azorada. “La pelota me cayó atrás de los centrales, atropellé pero se me fue un poco hasta ahí, donde está el arroz, ¿ve?” –me señala el estante de abajo, y de golpe como un conejo a pesar del traje azul y los zapatos lustrados: “La dejé picar y ¡plum!”. Tira el zurdazo. Todos nos damos vuelta para mirar hacia la caja, donde estaba el arco hace treinta y tantos años, y a todos nos parece que la pelota se mete arriba, justo donde están las pilas para radio y las hojitas de afeitar. Sanfilippo levanta los brazos para festejar. Los clientes y las cajeras se rompen las manos de tanto aplaudir. Casi me pongo a llorar. El Nene Sanfilippo había hecho de nuevo aquel gol de 1962, nada más que para que yo pudiera verlo.”

Oswaldo Soriano

Capítulo incluido em “El fútbol a sol y sombra”,  
de Eduardo Galeano (2010).

Em março de 2012, mais precisamente numa quinta-feira à tarde, milhares de pessoas reuniram-se nas ruas da cidade de Buenos Aires para promover uma passeata que partia do bairro Boedo com destino à Praça de Maio, meca das grandes manifestações políticas de massa da capital argentina. Aquela aglomeração multitudinária, contando com personagens da vida política e da mídia nos palanques, trazia como reivindicação uníssonos o lema “vamos a volver a Boedo”, considerado por aquelas pessoas uma espécie

de local sagrado. Mas quem era aquela multidão reunida? O que significava este “retorno” ao bairro? Quais as motivações viscerais daquela gente?

Esta história, que conta com perdas e deslocamentos espaciais, inicia-se no final da década de 1970, durante a ditadura militar argentina, quando os dirigentes no poder decidem, por questões tributárias, forçar o Clube Atlético San Lorenzo de Almagro a vender seu estádio – Gasómetro – localizado nos terrenos da Av. La Plata 1700 desde os anos 1920 e que por muito tempo foi utilizado pela seleção nacional para seus jogos.

Embora tenha concluído, em 1993, um novo estádio – Nuevo Gasómetro – no bairro Bajo Flores, não tão distante de Boedo, os torcedores dos corvos, como são popularmente conhecidos, nunca se conformaram com a partida e o completo desmonte do antigo estádio no bairro historicamente vinculado ao clube e seus torcedores, que teceram ali redes de sociabilidade por meio de práticas sociais cotidianas ligadas ao clube e seu estádios – não apenas centrada no futebol, mas outras manifestações tais como os carnavais, as festas comunitárias e outros eventos esportivos. O que reforça ainda mais o sentimento de indignação é o fato de ali onde se encontrava o então denominado Viejo Gasómetro, ao contrário do que havia sido argumentado pelo regime militar, não foram construídas casas populares e nem uma avenida que tornasse o fluxo de trânsito mais eficiente. Em vez disso, no terreno de muitas histórias que moldaram a memória coletiva dos torcedores do San Lorenzo – como nas reminiscências de Soriano no gol de Sanfilippo – ergueu-se um grande hipermercado de uma multinacional francesa que buscava expandir sua marca no país, instalando ali sua primeira sede. Na entrada do hipermercado, inclusive, é muito comum deparar-se com faixas, cartazes e escritos nas paredes e no chão. Um desses escritos, na mureta, reforça a associação entre o regime militar e a multinacional: “Carrefour = dictadura”.

Numa cidade onde o futebol se estabeleceu como uma manifestação cultural de particular referência nos bairros, estabelecendo diferenças identitárias entre vizinhos numa topografia territorialmente homogênea, os clubes e seus estádios sedimentaram-se ao longo de décadas como nexos conjuntivos entre a comunidade de torcedores e o bairro, formando hábitos sociais transmitidos intergeracionalmente (cf. Archetti, 2003; Gorelik, 1999). Ademais, Alabarces (2002) defende a tese de que, na era da globalização

econômica, o enfraquecimento do Estado na promoção de relatos nacionais acirrou os comportamentos comunitaristas na sociedade civil, sendo evidenciado esse fenômeno no futebol argentino a partir dos anos 1990. Nesse cenário cuja dinâmica de rivalidades se baseia numa extensa rede de clubes atuando permanentemente num sistema de oposições entre mandantes (estar em casas) e visitantes (fora de casa) a cada rodada, em que o estádio como espaço topofílico torna-se um instrumento de pertencimento de determinado grupo a uma rede de relações e, ao mesmo tempo, de intimidação simbólica aos adversários, a perda do Gasómetro resultou num duro golpe para seus torcedores, que nos anos seguintes assumiriam uma postura nômade jogando em diversos campos (e bairros) de Buenos Aires.

A partir de 2011, seus torcedores começaram a se mobilizar, com o intuito de consolidar um movimento que tinha como bandeira o retorno ao antigo terreno da Av. La Plata. Foi então formada uma subcomissão de torcedores do clube (Subcomisión del Hincha) que, em novembro deste mesmo ano, apresentou na Legislatura de Buenos Aires um projeto de lei de restituição histórica, exigindo que o Estado reconhecesse o prejuízo material e simbólico sofrido pelo clube e seus torcedores durante a ditadura militar. Uma das passagens do projeto afirma que este acontecimento traumático desencadeou “la ruptura y fragmentación de la memoria socio-espacial de Boedo”. Por isso, a exigência da subcomissão baseava-se numa “reparación histórica al barrio y al Club Atlético San Lorenzo de Almagro”<sup>3</sup>. Essas palavras revelam a forma pela qual o estádio constitui-se no imaginário coletivo da localidade como um equipamento sociocultural que por décadas centralizou a construção histórica de redes de sociabilidade e atualização cotidiana da identidade cultural dos seus torcedores e pessoas com vínculos ao bairro.

Enquanto este projeto não era acolhido e votado pela Legislatura, os torcedores aproveitaram o momento de efervescência na mobilização para organizar formas discursivas para expressar o retorno. Além da grande marcha supracitada, outros movimentos culturais surgiram para evidenciar os laços de pertencimento dos torcedores com o bairro e o clube, através de cânticos, livros, artigos em jornais e outras referências. Um dos movimentos que

---

3 Proyecto de Ley. Disponível em: <http://schcasla.com.ar/libreria/pdf/1289511641.pdf>

emergiram nesse período foi o Grupo Artístico de Boedo Roberto Arlt<sup>4</sup>, que atua na confecção de murais espalhados por todo bairro onde são destacados elementos de valor cultural que são reconhecidos pela coletividade como elementos que expressam a identidade local, ao mesmo tempo em que atualiza as fronteiras espaciais com a alteridade, uma marca do futebol portenho, como pudemos observar em outra oportunidade (VASCONCELLOS, 2014). Dentre estas expressões artísticas, a ênfase é direcionada para as representações imagéticas do clube e seus símbolos, destacando jogadores, personagens populares, a torcida, seus mascotes e, evidentemente, o antigo estádio.

Nesse ponto, ainda pensando com Pollak (1989) em outro trabalho, é importante apontar como a construção de memória se desenvolve como uma prática política em que o grupo promove a seleção de elementos, enquanto outros são silenciados (não no sentido do esquecimento, mas de um estratégico “não-dito”), para que a representação identitária seja mantida de modo coeso e coerente, para que sua continuidade seja garantida. Nesse sentido, as memórias subterrâneas entram em cena, numa perspectiva inversa àquela consensual abordada por Maurice Halbwachs (2003), privilegiando a narrativa dos excluídos, dos marginalizados, daquelas que participam de culturas minoritárias que se opõem à memória oficial, hegemônica. Estas verdadeiras batalhas pela memória, com suas disputas narrativas no espaço público, emergiram com maior força nas sociedades contemporâneas, aquilo que Huyssen (2004) entende como *boom* da memória. No caso da Argentina, novas formas de memória política emergem com maior evidência após o fim da ditadura militar no país, em meados da década de 1980, como no caso da organização de grupos, exemplificado pelas *Madres de la Plaza de Mayo*. Nesse contexto,

surgieron nuevos actores, organismos de derechos humanos, comisiones de verdad y de justicia, testigos, testimonios, agrupamientos de familiares de víctimas, sobrevivientes y también nuevas formas de expresión de la memoria política, en la escena cultural, el sector editorial, los medios de comunicación, el cine, los centros de memoria, los homenajes. La memoria política se tornaba un tema de debate y de confrontación, especialmente en las transiciones en el Cono Sur. Estimamos que por esta razón, los estudios sobre memoria política se concentraron principalmente en la institucionalización que iban adquiriendo estas memorias subterráneas, en términos de la constitución de nuevos actores y de nuevos soportes de memorias (LIFSCHITZ & GRISALES, 2012)

---

4 Ver mais em: <http://www.artisticoboedo.com/index.html>

A emergência destas memórias subterrâneas indicadas por Pollak ficam sob a responsabilidade daqueles que Elizabeth Jelin (2002) denominou de “agentes da memória”, aquelas personagens (individuais e coletivas) que desempenham um papel decisivo no aspecto de organização e construção de estratégias políticas e discursivas sobre a memória em questão diante do Estado e de diversos atores sociais (sociedade civil, ONG’s, outros coletivos etc). Nesse caso, Adolfo Res, um dos idealizadores do projeto de volta ao bairro, pode ser entendido como um desses agentes. Numa entrevista para o Olé!, Res afirma que o projeto surgiu ao final dos anos 1990 quando, ao lado de seu irmão, resolveu explorar a história do bairro Boedo. Após comentar as dificuldades e estratégias para criar e fazer o projeto ganhar força, o autor destaca a importância da pressão popular por meio das marchas de protesto

Fueron necesarias por lo que representaba como estrategia de presión cuando veíamos que algo iba para atrás. La primera masiva fue de 20.000 personas en la calle Perú, cuando veíamos que el oficialismo no estaba tan al tanto del proyecto. Luego vendría la de 40.000 y otra a la embajada de Francia, de 7.000: le llevamos un petitorio al embajador, iba a jugar para Carrefour. La idea era internacionalizar la gesta. Nos hicieron notas hasta de la BBC... Ese día empezamos a hablar de la marcha de la Plaza<sup>5</sup>

Nesse contexto, a potência destes movimentos de restituição do terreno de Boedo tornou-se mais ilustrativa no momento em que a Legislatura de Buenos Aires resolveu, em novembro de 2012, acatar e votar a *Ley de Restituição Histórica*, aprovando o projeto por unanimidade (por 50 votos a zero)<sup>6</sup>. A partir desta aprovação, a comissão diretiva do clube e o hipermercado deveriam entrar em negociação e chegar a um acordo financeiro para o regresso do San Lorenzo. Após anos de intensas conversas e propostas, impulsionada por uma forte campanha junto aos torcedores para aquisição de metros quadrados do terreno, em dezembro de 2015 ficou acertada a proposta definitiva do clube para a retomada do terreno e, desse modo, o hipermercado deverá retirar-se daquela área de recordações para os torcedores do clube, que apresentou um novo projeto para a construção de um estádio<sup>7</sup>.

---

5 Olé!, 14 dez. 2016. Estas marchas citadas renunciaram a maior todas, citadas no início desta seção, estimada em aproximadamente 100 mil pessoas presentes. Disponível em: [http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/titulo\\_0\\_1705029519.html](http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/titulo_0_1705029519.html)

6 La Nación, 15 nov. 2012. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1966933-es-oficial-san-lorenzo-volvio-a-ser-dueno-de-los-terrenos-de-boedo-donde-estaba-el-viejo-gasometro>

No jornal esportivo mais famoso do país, Olé, uma torcedora afirma que “soy cuerva desde chiquitita porque mi papá era hincha. Lamentablemente no conocí el Gasómetro de Av. La Plata, pero ahora me estoy poniendo al día en eso de ir a la cancha a ver a San Lorenzo y espero conocer pronto el nuevo estadio en Boedo”, reforçando a ideia das “memórias vividas por tabela” (POLLAK, 1992: 211). Mais à frente, a torcedora acrescenta que “me ilusiona mucho la Vuelta, es volver a casa, al lugar que le pertenece al club, a su barrio y a su gente”. Na mesma reportagem, o torcedor Juan Antonio segue no mesmo diapasão, ao afirmar que “siempre extrañé Avenida La Plata. Nosotros somos de ahí, no de Bajo Flores... Es lo mismo que a Central o Newell’s los saquen de Rosario, o a Boca lo lleven a Ituzaingó: perderían la identidad”<sup>8</sup>. Com esta declaração, Juan Antonio reafirma a relação dos clubes com seus bairros que permeia imaginário social dos torcedores portenhos.

É importante ressaltar que, por mais que as maiores glórias do clube, em termos de resultado em campo, tenham sido conquistadas no Nuevo Gasómetro, como os títulos sulamericanos da Copa Mercosul (2001) e Copa Libertadores (2014), é no terreno do antigo estádio que estão associados os vínculos sociais mais espontâneos, produzindo potentes manifestações coletivas. Ainda que toda uma geração de torcedores não tenha vivenciado as experiências no antigo estádio, a memória (sobretudo aquela traumática) transmitida de geração a geração desempenha seu papel para garantir o sentimento de continuidade e de coerência para a permanente reconstrução e manutenção da identidade social do grupo de torcedores. Como bem demonstrou Silvio Aragón (2011), as comemorações relativas às conquistas do clube sempre acontecem em frente ao supermercado, no terreno vinculado ao antigo estádio. Dessa maneira, sempre após o triunfo final de um campeonato, tornou-se um ritual os torcedores deslocarem-se para a porta do supermercado, ainda que a conquista tenha sido concretizada no novo estádio.

---

7 Nem todos os relatos e rememorações encontram-se em sintonia harmoniosa pelo retorno a Boedo. Conforme demonstrado por matéria do jornal Clarín de 13 de outubro de 2015, vizinhos ao estádio, incluindo torcedores do clube, apresentavam discursos contrários ao retorno, por entenderem que tal evento poderia acarretar uma série de transtornos ao bairro, como a desvalorização imobiliária, a violência e o tumulto dos torcedores em dias de jogos. Disponível em: [https://www.clarin.com/ciudades/san\\_lorenzo-boedo-idea-polemica-vecinos-urbanistas\\_0\\_rk8xgaWKwXg.html](https://www.clarin.com/ciudades/san_lorenzo-boedo-idea-polemica-vecinos-urbanistas_0_rk8xgaWKwXg.html)

8 La Nación, 16 nov. 2016. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1526899-el-sueno-de-volver-a-boedo-se-adelanto-una-semana-en-la-legislatura>

Por todos esses acontecimentos, o retorno a Boedo, representado no estádio do antigo terreno de Av. La Plata 1700, expressa menos uma tentativa de recuperar uma forma idealizada de experimentar o futebol tal qual cristalizado no imaginário do torcedor do que uma luta política por restituição material e simbólica, movida pela memória, de um espaço social que dá sentido aos indivíduos e grupos envolvidos, o antigo Gasómetro. Nesse contexto em que as memórias ocupam lugar central nos debates culturais e políticas em sociedades que passaram por situações traumáticas de naturezas diversas, o envolvimento político e emocional dos torcedores do San Lorenzo elucida o modo pelo qual uma dada coletividade que na maior parte do tempo vive no tempo presente sentiu a necessidade de construir para si um passado eloquente, através do antigo estádio como suporte material e simbólico, que desencadeou numa ação política intencional de restituição histórica, buscando dar forma e substância à sua identidade cultural (clube) e territorial (Boedo) na esfera pública, por meio das manifestações grafiteiras e passeatas de protesto. Toda a expressividade coletiva em torno do clube e seu antigo estádio na relação com seu bairro evidencia a importância que a memória possui para as reivindicações na arena pública, para a sobrevivência dos grupos sociais e na constituição de identidades coletivas. Enquanto as lembranças ainda encontram-se limitadas a um espaço transformado em supermercado, seus torcedores esperam pelo retorno à terra santa para vibrar com os gols no novo Viejo Gasómetro, sem o obstáculo de prateleiras e caixas.

### **3. OS HAMMERS DESPEDEM-SE DE UPTON PARK**

Enquanto os torcedores do San Lorenzo se preparam para o tão sonhado retorno à “terra santa” materializada pela reconstrução do estádio no histórico terreno no bairro Boedo, em outro recanto importante do futebol mundial, Londres, torcedores do clube West Ham percorrem trajetória antagônica: a partida para um outro estádio numa nova localidade da cidade, rompendo uma história de mais de um século de vivências e experiências no estádio Upton Park (conhecido também como Boleyn Ground) na região londrina de East End.

A lógica que conforma as rivalidades históricas no futebol da capital inglesa se assemelha àquela percebida em Buenos Aires, sendo as duas cidades com mais clubes e estádios de futebol no planeta: uma rede de disputas, pelo grande número de times na cidade, forma a imagem de um mosaico de territorialidades onde cada clube possui seu próprio estádio numa dada região da cidade e desenrola-se assim um campo de tensões entre o território próprio e o território alheio, em dias de jogos. Como tão bem afirmou Richard Giulianotti (2007) acerca do significado dos estádios ingleses para a comunidade de torcedores ingleses

o campo enquanto local evoca memórias e expectativas. Suas características idiossincráticas são particularmente idealizadas: a inclinação do terreno, as carvoarias vizinhas, a cor dos tijolos, a loucura arquitetônica de uma arquibancada. Cada uma significa o status especial do campo relativo a outros estágios. Consequentemente, considera-se que os campos de futebol possuem seu próprio caráter sociogeográfico, representativo da comunidade de torcedores (GIULIANOTTI, 2007: 97)

Este modelo de disputas locais envolvendo clubes e sua comunidade de torcedores está ainda muito presente no futebol da cidade, sendo uma de suas características mais notáveis. E sem dúvida uma das rivalidades mais acirradas entre clubes londrinos envolvem o West Ham e seu rival Millwall, localizado na mesma região da cidade. No entanto, cabem algumas considerações acerca das acentuadas transformações no futebol inglês das últimas décadas que refletem com clarividência as mudanças mais amplas na natureza social e nos modos de produção da sociedade inglesa, afetando diretamente na maneira de se relacionar com os clubes.

Os estádios ingleses, produtos materiais e simbólicos das transformações socioeconômicas promovidas pela Revolução Industrial e da expansão cultural da vida urbana na segunda metade do século XIX, foram, por longo período, espaços privilegiados das manifestações da classe trabalhadora em sua expressão de identidade e cidadania, formando uma estreita ligação com suas comunidades locais e sedimentando uma estrutura de sentimento cujos laços sociais estiveram fortemente vinculados ao mundo do trabalho assalariado. Contudo, em poucas décadas, sob o efeito da crise econômica global do petróleo dos anos 1970 e seus desdobramentos nas várias esferas sociais – com ênfase na contumaz crítica político-ideológica ao até então bem-sucedido modelo de proteção social britânico – os modos de produção, as

relações sociais e o papel do Estado nacional passam por profundas mudanças que não deixariam de causar impacto material e simbólico na sociedade inglesa em geral e na estrutura do futebol do país em particular, sobretudo na virada dos anos 1980-90, como resultado da reedição de um pensamento liberal (neoliberalismo) de prevalência individualista e da redefinição do lugar do trabalho assalariado na sociedade pós-industrial.

Nesse sentido, Perry Anderson aponta que, finalmente, depois de anos encapsuladas apenas em sua forma teórica, diante do satisfatório momento da chamada idade de ouro, as ideias neoliberais ganharam terreno na plataforma política de vários governos europeus (inclusive bandeiras de esquerda) e americano, tendo como ponto central a estabilidade monetária e a redução com gastos sociais e intervenções econômicas. Com isso, Anderson define que a necessidade encontrada pelos políticos de inspiração neoliberal estava numa “disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da ‘taxa natural’ de desemprego” (ANDERSON, 1995: 10).

Se até este momento os estádios puderam ser percebidos como equipamentos de expressão de cidadania e da construção de laços sociais dos trabalhadores numa sociedade industrial, a partir destas metamorfoses nas mais variadas esferas da existência nota-se a emergência de uma lógica de estádio guiada pela oferta de serviços que recebam consumidores dispostos a desembolsarem altos soldos para assistir aos jogos e adquirirem produtos que sustentem a marca do clube. Pelas mãos da primeira-ministra Margaret Thatcher, os estádios ingleses, até então espaços privilegiados dos agrupamentos coletivos, sufocados pela Dama de Ferro, sofreriam alterações em sua estrutura arquitetônica que deixariam cicatrizes nas relações sociais estabelecidas coletivamente no interior destes espaços socioculturais ao longo de décadas.

Todas essas transformações na mentalidade política e econômica estão em estreita consonância às mudanças vivenciadas pelo futebol inglês a partir dos anos 1980, quando uma sequência de eventos trágicos marcou a vida cotidiana dos torcedores ingleses: as constantes brigas entre *hooligans* nas arquibancadas, como na famosa batalha campal entre torcedores dos clubes Millwall, rival londrino do West Ham, e Luton, de Bedfordshire; o incêndio no estádio do clube Bradford, com a morte de mais de 50 pessoas;

por fim, esses desastres teriam seu ápice no de 1989, no estádio de Hillsborough, quando 96 torcedores do Liverpool morreram esmagados nos muros de contenção por conta da superlotação permitida pelos responsáveis pela partida, sobretudo a polícia.

Após estes acontecimentos, abriu-se caminho para que uma reformulação fosse implementada. A partir de um relatório encomendado pelas autoridades britânicas como forma de empreender uma análise estrutural dos estádios ingleses e possíveis mudanças a serem implantadas, o observador Peter Taylor apresentou algumas propostas emergenciais para que o futebol no país não passasse por mais tragédias como aquela de Hillsborough. Dentre as exigências elencadas por Taylor, havia uma que seria decisiva para os rumos do futebol, com suas imediatas consequências globais: a obrigatoriedade das cadeiras individuais em todos os pontos dos estádios, de modo a evitar que o público assistente não mais se posicionasse de pé para acompanhar aos jogos. Nos dizeres do relatório:

Não há uma panaceia capaz de oferecer segurança completa e sanar todos os problemas de comportamento e controle das massas. Estou satisfeito, porém, com o fato de que os assentos são mais eficazes nesse sentido que qualquer outra medida. [...]. É óbvio que permanecer sentado durante a totalidade da partida é mais confortável. Também é mais seguro. Quando um espectador está sentado ele possui sua pequena porção de território em cujos limites pode sentir-se relativamente seguro. (TAYLOR, 1990: 12. Tradução livre)

Estava montado o cenário para que Thatcher moldasse o futebol inglês de acordo com seus interesses políticos e econômicos, afetando diretamente a classe trabalhadora, a quem sempre olhou com desdém. Tais intervenções foram rapidamente acompanhadas pela injeção de capital no torneio nacional, pela introdução dos carnês para toda a temporada do campeonato e pelo maior interesse das emissoras de televisão em transmitir as partidas, dando maior visibilidade ao novo torneio que surgia na onda das transformações: a Premier League, em 1992. Esses eventos, respondendo aos interesses mercadológicos, serviram estrategicamente como forma de recalçamento da imagem das décadas anteriores, associadas à violência, para aquela de um evento asséptico e espetacularizado, proporcionando que as grandes marcas multinacionais investissem pesadamente no torneio<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Um dos maiores beneficiários dessas mudanças no futebol inglês foi um dos financiadores de pensadores que propagaram as ideias travestidas de cientificismo do neoliberalismo e da

O futebol inglês na era da mercantilização criou uma nova mentalidade nos clubes, que agora buscam alavancar seus lucros encarando o esporte como uma indústria do entretenimento, produzindo alguns fenômenos incomuns, tais como o fato de a maior parte dos proprietários dos clubes ser estrangeiro e não possuir qualquer relação afetiva anterior com o futebol. Nesse cenário de discursos modernizantes, visando alavancar a marca dos clubes, é que o West Ham encontrou uma forma de se mudar de seu antigo estádio, no mesmo terreno desde 1904 no bairro de Newham, com capacidade para aproximadamente 35.000 torcedores<sup>10</sup>.

Para as olimpíadas de 2012 foi construído o Estádio Olímpico, com capacidade para quase 60.000 pessoas e que após o evento ficaria sem utilização definida. Outro clube londrino, Tottenham, chegou a flertar com os responsáveis pelo estádio para adquiri-lo; contudo, seus torcedores foram radicalmente contrários à ideia, inclusive promovendo uma manifestação no bairro homônimo onde historicamente encontra-se o clube. Decidiu-se que o novo estádio do clube ficará localizado no mesmo terreno do antigo, mantendo sua vinculação com a área entorno. Após esta desistência, o West Ham decidiu abraçar esta ideia e chegou a um acordo para tornar-se o responsável pelo novo estádio, aproximadamente cinco quilômetros de distância de Upton Park.

Para os dirigentes do clube, essa mudança para um estádio de maior capacidade permitirá ao clube aumentar sua arrecadação na temporada, tornando a equipe mais competitiva nos campeonatos e aumentando sua visibilidade no universo mercantilizado do futebol, cuja presença dos clubes ingleses é marcante em todo o globo. Para os muitos torcedores, esse acontecimento traz consequências traumáticas e indelévels para a comunidade, representação simbólica que povoa o imaginário dos torcedores na tentativa de explicar uma dada realidade, ainda que seja uma utopia esse tipo de ideal comunitário idílico.

Em matéria realizada pela BBC News em 10 de janeiro de 2017, o fotógrafo Marcus Drinkwater documentou em imagens o último dos 112 anos

---

justificativa da retração do Estado social. Como aponta Marcos Alvito: “A nova primeira divisão do futebol foi financiada por um espetacular contrato de exclusividade, firmado com a BSkyB, tevê a cabo do bilionário australiano Rupert Murdoch, que queria usar o futebol como ponta-de-lança para a implantação da televisão por assinatura na Inglaterra” (ALVITO, 2007).

10 Outro clube londrino, Arsenal, já havia feito vivenciado esse processo em 2006, quando saiu de seu antigo estádio, Highbury, para um novo nomeado Emirates Stadium, em local próximo.

de Upton Park e seus impactos na vida das pessoas e dos lugares vinculados ao estádio em demolição. O conjunto fotográfico traz, por exemplo, a lanchonete Nathan's Pies and Eels, local que desde 1938 recebia torcedores em dias de jogos e fazia parte do ritual que envolve uma partida extramuros. Ademais, traz um casal de idosos, George e Elsie, frequentadores de um dos tantos Clube dos Trabalhadores espalhados por todo país – este localizado exatamente em East End, próximo ao desativado estádio – que demonstra sua preocupação pela saída de uma das últimas partes relevantes da história daquela área. Em sua fala de lamentação, George demonstra seu desconforto com as mudanças apressadas pelas quais têm passado a cidade e a região, afetando locais tradicionais no entorno de Upton Park: “oh, isso vai fechar. Eu fui um membro da vida desse clube, agora mais pessoas estão morrendo. Estamos apenas caminhando devagar agora”<sup>11</sup>.

Em outra matéria, o polêmico tabloide The Sun acompanhou a torcedora Maureen Hankin em sua despedida do estádio meses após o último jogo ali realizado, contra o Manchester United em 10 de maio de 2016. Para a Hankin, portando consigo emblemas do clube na lapela de seu sobretudo, afirmou ao jornal que “não poderia vir antes – havia muita história, isso não parecia certo [...]. Eu só queria me despedir da velha. Stratford [o novo estádio] não é nossa casa, mas os proprietários têm a responsabilidade de fazê-lo funcionar”. Nos dizeres de outra torcedora, Sarah Crowson, uma das equipes do bar The Boleyn, disse: “Fui ao Estádio Olímpico e queria chorar – era como estar em um teatro ao ar livre. Você poderia até comprar pipoca. Eu sou a favor de mudar, mas mudar para melhor. Esta é a casa de West Ham. Aqui.”<sup>12</sup>. Ademais, a matéria também faz referências aos impactos sobre a lanchonete Nathan's Pies and Eels e ao Clube dos Trabalhadores.

Por outro lado, defendendo-se dos discursos de lamento acerca do deslocamento e seus desdobramentos, a executiva esportiva do clube Karren Brady afirma que este movimento está sendo benéfico globalmente ao clube. Além disso, minimiza a situação ao apontar que

nós ficamos dentro do nosso bairro. Não é como se mudássemos 15 milhas, movemos uma milha e meia. Todo o trabalho que fazemos

---

11 BBC News, 10 jan. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/in-pictures-38517448>

12 The Sun, 4 out. 2016. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/sport/football/1912399/this-is-west-hams-home-here-old-boleyn-ground-and-surrounding-area-has-had-its-bubble-burst/>

está focado no bairro de Newham agora, como era quando estávamos no antigo estádio. Nada mudou. Está integrado<sup>13</sup>.

Continuando sua argumentação em relação às mudanças que podem atingir a comunidade – termo central que permeia a maioria dos discursos contrários à mudança –, Brady alega que os coproprietários do clube possuem uma ligação com o bairro, assim como os torcedores, e os defende assim:

David Gold nasceu em Green Street, onde o antigo estádio estava, e David Sullivan tem sido um adepto do West Ham durante toda a vida [...]. Eles são meninos locais bem feitos. E eles querem fazer coisas em seu bairro. David Sullivan coloca muito dinheiro próprio nas coisas aqui. Para eles, a comunidade tem igual prioridade em relação a todo o resto

Na última temporada o clube fez a estreia no novo estádio e, concomitantemente, realiza o desmonte do antigo Boleyn Ground, cujo terreno foi vendido a uma imobiliária. Sinal dos tempos de uma realidade em que os clubes ingleses agarram-se a uma lógica empresarial para tentar sobreviver nesse campo de disputas de um futebol mercantilizado. Pelo lado dos torcedores, ainda sob o efeito da perda e sem a articulação política dos torcedores do San Lorenzo, suas memórias de lamentação recorrem a discursos de perdas simbólicas (o esfacelamento da comunidade) e materiais (dos problemas para os negócios vinculados historicamente ao clube), tomando como instrumento de análise do real que indica pares contrastantes entre a racionalidade da sociedade global que obriga o clube a recorrer a esse tipo de estratégia de sobrevivência num campeonato mercantilizado e a afetividade comunitária que sofre um processo traumático de ruptura com a tradição dos rituais intra e extramuros.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A exposição destas duas histórias contemporâneas demonstra a maneira pela qual dois clubes de cidades cujas similaridades nas dinâmicas de rivalidades e da construção de identidades culturais entre seus torcedores podem percorrer caminhos opostos na relação com seus estádios e espaços sociais, de acordo com as mentalidades vigentes em cada sociedade e sua maneira de lidar com o passado e o presente. O retorno do San Lorenzo

<sup>13</sup> The Telegraph, 4 mar. 2017. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/football/2017/03/04/people-dont-like-change-karren-brady-insists-west-hams-stadium/>

encontra-se no bojo das reivindicações contra o terrorismo de estado que assolou a Argentina entre 1976-1983, período em que o clube se sentiu forçado a se desfazer do seu estádio; a partida do West Ham é o resultado paroxístico do modelo neoliberal espreado pela sociedade britânica em geral e no futebol inglês em particular, a partir do final dos anos 1980, momento a partir do qual os clubes do país mergulharam de cabeça na era da mercantilização do jogo.

Esse investimento afetivo ao estádio e seu espaço circunscrito (o bairro enquanto “pedaço”) está em estreita vinculação com os processos de globalização e sua ideia de uma permanente mutação que traz como seu corolário a sensação de desenraizamento e, ao mesmo tempo, de valorização do local, engendrando nas pautas dos grupos sociais as lutas políticas que não se referem mais às questões abstratas das metanarrativas, mas aquelas que dizem respeito à vida cotidiana de coletivos fragmentados (c.f. Mafesolli, 1998). Desse modo, ativar as lembranças em conjugação ao território usado e vivido transforma-se em arma estratégica de valorização dos princípios culturais de identificação social e sentido de pertencimento local, uma luta pelos seus modos de existência num mundo que parece mais desorientar do que apresentar um horizonte explicativo. Nos dois polos do futebol aqui destacados, fica aparente o modo pelo qual o espaço é permeado de valores simbólicos, materiais, éticos, afetivos e até mesmo espirituais. Nesse sentido,

o território não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser. Esquecer este princípio espiritual e não material é se sujeitar a não compreender a violência trágica de muitas lutas e conflitos que afetam o mundo de hoje: perder seu território é desaparecer” (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996, p. 13-14 apud HAESBAERT, 2004 p. 72-73).

Os estádios surgem, conforme proposto por Aleida Assmann (2001), como *espaços de recordação*, aqueles lugares onde aconteceram as coisas que marcam indivíduos e grupos, que se tornaram lugares de memória, de peregrinação, de veneração, enfim, os lugares de existência onde linhas de afeto se cruzam num ponto específico e formam uma comunidade de sentimento. Num sentido mais amplo, esses espaços mediadores evidenciam que a memória não é apenas uma “bagagem” na qual são depositados elementos já dados por um passado imutável, mas uma esfera dentro da qual os indivíduos e grupos se comunicam e vivem sua realidade concreta, apropriando-se da memória para fins diversos nas situações do presente.

## REFERÊNCIAS

- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**: el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina. Buenos Aires: Prometeos, 2002.
- ALVITO, Marcos. **O esporte que vendeu sua alma**. Revista Piauí, edição 15, 2007.
- ANDERSON, Perry. "Balanço do neoliberalismo". In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.
- ARAGON, Silvio. **La construcción de identidades y rivalidades**. Esporte e Sociedade, ano 6, n.17, mar/agosto.2011.
- ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**. Buenos Aires, Antropofagia, 2003.
- ASSMAN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011
- BALE, John. **Sports Geography**. 2nd ed. London: Routledge, 2003.
- GALEANO, Eduardo. **El fútbol a sol y sombra**. Madri: Siglo XXI Editores, 2010.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GORELIK, Adrián. **El color del barrio**. Mitología barrial y conflicto cultural en la Buenos Aires de los años veinte. Variaciones Borges, nº8, University of Aarhus, Dinamarca, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memorias**. Madri: Siglo XXI de España editores, 2002.
- LIFSCHITZ y GRISALES. **Memoria política y artefactos culturales**. Estudios Políticos, 40, Instituto de Estudios Políticos, Universidad de Antioquia, 2012 (pp. 98-119).
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo na sociedade de massas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

TAYLOR, Lord Justice. **Hillsborough Stadium Disaster Inquiry**. London: HMSO, 1990.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

VASCONCELLOS, Pedro Jorge Lo Duca. **O futebol pela visão dos grafites**: os casos de Buenos Aires e Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014

## OUTRAS REFERÊNCIAS

BBC NEWS, 10 jan. 2017. Disponível em:  
<http://www.bbc.com/news/in-pictures-38517448> (Acesso em 25 mai. 2017)

CLARÍN, Disponível em:  
[https://www.clarin.com/ciudades/san\\_lorenzo-boedo-idea\\_polemica-vecinos\\_urbanistas\\_0\\_rk8xgaWKwXg.html](https://www.clarin.com/ciudades/san_lorenzo-boedo-idea_polemica-vecinos_urbanistas_0_rk8xgaWKwXg.html) (Acesso em 20 mai. 2017)

GRUPO ARTÍSTICO DE BOEDO. Disponível em:  
<http://www.artisticoboedo.com/index.html> (Acesso em 19 mai. 2017)

LA NACIÓN, 15 nov. 2012. Disponível em:  
<http://www.lanacion.com.ar/1966933-es-oficial-san-lorenzo-volvio-a-ser-dueno-de-los-terrenos-de-boedo-donde-estaba-el-viejo-gasometro> (Acesso em 20 mai. 2017)

LA NACIÓN, 16 nov. 2016. Disponível em:  
<http://www.lanacion.com.ar/1526899-el-sueno-de-volver-a-boedo-se-adelanto-una-semana-en-la-legislatura> (Acesso em 21 mai. 2017)

OLÉ!, 14 dez. 2016. Disponível em:  
[http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/titulo\\_0\\_1705029519.html](http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/titulo_0_1705029519.html) (Acesso em 21 mai. 2017)

PROYECTO DE LEY. Disponível em:  
<http://schcasla.com.ar/libreria/pdf/1289511641.pdf> (Acesso em 15 mai. 2017)

THE SUN, 4 out. 2016. Disponível em:  
<https://www.thesun.co.uk/sport/football/1912399/this-is-west-hams-home-here-old-boleyn-ground-and-surrounding-area-has-had-its-bubble-burst/> (Acesso em 25 mai. 2017)

THE TELEGRAPH, 4 mar. 2017. Disponível em:  
<http://www.telegraph.co.uk/football/2017/03/04/people-dont-like-change-karren-brady-insists-west-hams-stadium/> (Acesso em 28 mai. 2017)